

História das mentalidades coletivas / Prof. Marcos Alvito
Passagens importantes em BLOCH, Marc. (s.d.) Introdução à História. Lisboa: Europa-América. Publicado pela 1ª. vez em 1949.

Sobre o objeto da história:

"Algumas vezes se disse: 'A História é a ciência do passado.' É erro dizê-lo, em meu entender." (p.25) (...)

"Há muito, com efeito, que os nossos grandes precursores, um Michelet, um Fustel de Coulanges, nos tinham ensinado a reconhecer: o objeto da história é por natureza o homem. Melhor: os homens. Mais do que o singular, favorável à abstração, convém a uma ciência da diversidade o plural, que é o modo gramatical da relatividade. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente mais glaciais e das instituições aparentemente mais distanciadas dos que as elaboraram, são exatamente os homens que a história pretende apreender. Quem não o conseguir será, quando muito e na melhor das hipóteses, um servente da erudição. O bom historiador, esse, assemelha-se ao monstro da lenda. Onde farejar carne humana é que está a sua caça." (p.28) (...)

"'Ciência dos homens', dissemos nós. É ainda muito vago. Temos de acrescentar: 'dos homens no tempo'. O historiador não pensa apenas o humano. A atmosfera em que o seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração." (p.29)

Menções diretas ou indiretas aos termos mentalidade/mentalidades:

"A questão, numa palavra, já não é a de saber se Jesus foi crucificado e depois ressuscitou. O que se pretende compreender, daqui em diante, é como há tantos homens que crêem na Crucificação e na Ressurreição. Ora, a fidelidade a uma crença é, sem sombra de dúvida, um dos aspectos da vida geral em que este caráter se manifesta. É como que um nó em que se mistura uma quantidade de traços convergentes, quer de estrutura social, quer de **mentalidade**." (p.33) (...)

"Mas, após Leibniz, após Michelet, deu-se um grande acontecimento: as sucessivas revoluções das técnicas alargaram desmesuradamente **o intervalo psicológico** entre as gerações. Não é sem alguma razão, talvez, que o homem da idade da eletricidade ou do avião se sente muito longe dos seus antepassados. Onde logo conclui, mais imprudentemente ainda, que deixou de ser determinado por eles. Acrescentemos o jeito modernista próprio da **mentalidade do engenheiro**." (p.36) (...)

"O homem passa o tempo a montar mecanismos de que se torna depois prisioneiro mais ou menos voluntário. Que observador, percorrendo as nossas províncias do Norte, se não impressionou com o estranho desenho dos seus campos? (...) Não pode contestar-se a dissipação de esforços causada por tal disposição das terras nem os incômodos que impõe aos cultivadores. Como explicá-lo? Pelo Código Civil e seus inevitáveis efeitos responderam publicistas apressados em demasia. Modificai, portanto, as leis sobre herança, acrescentavam eles, e suprimireis assim todo o mal. Se soubessem mais história, se tivessem também interrogado melhor uma **mentalidade camponesa** formada por séculos de empirismo, haveriam de julgar o remédio menos fácil." (p.39) (...)

"Lutero, Calvino, Loiola: homens de outros tempos, é verdade, homens do século XVI, que o historiador, ocupado em compreendê-los e em fazer compreendê-los, terá como primeiro dever restituir ao meio respectivo, banhados pela **atmosfera mental** do seu tempo, a contas com problemas de consciência que já não são exatamente os nossos." (p.41) (...)

“Já não pensamos hoje, realmente, como o escrevia Maquiavel, como o pensavam Hume ou Bonald, que há no tempo ‘uma coisa, pelo menos, que é imutável: o homem’. Aprendemos que também o homem mudou muito: no seu espírito e, provavelmente, até nos mais delicados mecanismos do corpo. Como poderia ser de outro modo ? Transformou-se profundamente a sua atmosfera mental; e também a sua higiene, a sua alimentação.” (p.42) (...)

“Os fatos históricos são, por essência, fatos psicológicos. É, portanto, noutros fatos psicológicos que encontramos normalmente seus antecedentes. Não há dúvida de que os destinos humanos se inserem no mundo físico e lhe suportam o peso. Contudo, exatamente onde a intrusão destas forças exteriores se afigura mais brutal, a sua ação só se exerce orientada pelo homem e pelo seu espírito. O vírus da peste negra foi a causa primeira do despovoamento da Europa. Mas a epidemia não se propagou tão rapidamente senão devido a determinadas condições sociais – portanto, na sua natureza profunda, mentais – e os seus efeitos morais explicam-se apenas pelas predisposições particulares da sensibilidade coletiva.” (p.167)

“Compreender o passado pelo presente” [método regressivo]

“É tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente. Já contei algures esta anedota: acompanhava eu Henri Pirenne a Estocolmo; mal chegáramos, diz-me ele: ‘Que vamos nós ver primeiro ? Parece-me que há uma Câmara nova. Começemos por lá.’ Depois, como se me quisesse evitar um movimento de surpresa, acrescentou: ‘Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida.’ Nesta faculdade de apreensão do que é vivo é que reside, efetivamente, a qualidade fundamental do historiador.” (pp.42-43) (...)

“Porque o frêmito de vida humana, necessitando de um esforço penoso de imaginação que a restitua aos velhos textos, é daquela maneira diretamente perceptível pelos nossos sentidos. Já tenho lido muitas vezes, já muitas vezes tenho contado, descrições de guerra e de batalhas. Mas conhecia eu verdadeiramente, no pleno sentido do verbo *conhecer*, conhecia eu por dentro, antes de por mim mesmo ter experimentado o gosto da sua náusea atroz, o que representam para um exército o cerco, para um povo a derrota ? (...) Em boa verdade, conscientemente ou não, é sempre às nossas experiências cotidianas que, em última análise, vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado: as próprias palavras de que nos servimos para caracterizar os estados de alma desaparecidos, as formas sociais estioladas, que sentido teriam para nós se não tivéssemos visto primeiro viver os homens ? (...) o erudito que não tenha o gosto de olhar à volta de si mesmo, nem para os homens, nem para as coisas, nem para os acontecimentos, merece talvez, como dizia Pirenne, que lhe chamem um prestimoso antiquário. Mas deveria ter o bom senso de renunciar ao nome de historiador.” (pp. 43-44) “Além do mais, não é apenas a educação da sensibilidade histórica que está em causa. Acontece que, numa determinada linha, o conhecimento do presente interessa mais diretamente ainda à inteligência do passado. (...) Porque o caminho natural de qualquer investigação se faz do mais bem ou do menos mal conhecido para o mais obscuro. (...) procedendo mecanicamente de trás para a frente corremos sempre o risco

de perder o tempo à caça dos primórdios ou das causas dos fenômenos que depois, à luz da experiência, se revelarão talvez imaginários. Por não terem praticado, quando e onde se impunha, um método prudentemente regressivo é que ilustres historiadores cometeram, por vezes, erros estranhos. Acontece, e com mais frequência do que se pensa, que se tenha exatamente de vir até o presente para que a luz se faça. Por alguns de seus caracteres fundamentais a nossa paisagem rural (...) data de épocas extremamente remotas. Mas houve uma condição primordial a respeitar, a fim de interpretarmos os raros documentos que permitem penetrar nessa gênese brumosa, de pormos os problemas corretamente, de formarmos sequer uma idéia deles: tal condição foi observar, analisar a paisagem de hoje. (...) porque só ela podia propiciar as perspectivas de conjunto de que era necessário partir." (pp. 44-45)

Ex. retirado de BLOCH, Marc. (1993) Os Reis Taumaturgos. S.Paulo: Companhia das Letras.

"Outra dificuldade: Filipe I tocava os escrofulosos. Ora, na frase de Helgaud [p.58: *'A virtude divina concedeu a esse homem perfeito uma grande graça: a de curar os corpos. Tocando as chagas dos enfermos com sua pientíssima mão e marcando-os com o sinal da cruz, ele livra-os da dor e da doença.'*] não se faz nenhuma menção às escrófulas. O trecho situa-se em seguida a uma exposição da conduta do rei para com os leprosos; no entanto, parece que os leprosos não são especificamente o objeto da frase de Helgaud. (...) Mas será que estamos tão seguros de que o dom atribuído ao rei foi, desde a origem, considerado tão 'particular' ? Por estarmos tão habituados a ver a virtude miraculosa dos príncipes franceses ter por alvo exclusivo as escrófulas, quase não mais nos surpreendemos de que ela tenha tomado essa forma estritamente limitada. No entanto, afirmar que desde o início era esse o caso constituiria um postulado injustificável. Tomemos um ponto de comparação. A maioria dos santos verdadeiramente populares também possui seus talentos específicos: as os pessoas dirigem-se a um deles rogando-lhes que cure os males dos olhos; a outro pedem que remedeie os males do ventre; e assim por diante. Mas, até onde se pode ver, essas especializações raramente estão lá desde o início; a maior prova está em que às vezes elas variam. Todo santo passa por médico junto ao povo; pouco a pouco, em virtude de associações de idéias freqüentemente obscuras, algumas vezes por um simples calembur [trocadilho], seus fiéis acostumam-se a atribuir-lhe o dom de mitigar sobretudo esta ou aquela enfermidade; o tempo faz sua obra; ao fim de certo número de anos, a crença nesse poder bem determinado tornou-se no pobre mundo dos sofrendores um verdadeiro artigo de fé. Um pouco adiante, reencontraremos um desses grandes santos de peregrinação, S.Marcoul de Corbeny. Exatamente como os reis da França, ele foi um curandeiro de escrófulas; por causa disso, adquiriu apreciável celebridade, mas muito tardiamente. Antes, durante muitos séculos, ele não fora mais do que um santo igual aos outros, o qual se invocava indiferentemente para toda espécie de males. Sua história, que conhecemos bastante bem, provavelmente apenas repetiu, a algumas centenas de anos de distância, as histórias dos reis da França que se mostram a nós com menos clareza: como o santo de Corbeny, decerto também eles começaram por curar muitas doenças, por especializar-se apenas secundariamente. As representações coletivas das quais saiu a idéia do poder medical dos reis são difíceis de seguir em todas as suas sutilezas, mas não são ininteligíveis. (...) Mas seria necessário julgar inconcebível que, de repente, os franceses tivessem cismado que seus soberanos eram capazes não de curar os doentes em geral, mas de curar os escrofulosos e tão somente os escrofulosos." (pp.59-60)